

A ESQUIVA NOÇÃO DE REALIDADE: DIÁLOGO COM NELSON COELHO JR.

Elisa Maria Ulhoa Cintra*

Já no fim de sua vida, Freud dedicou dois capítulos do *Esboço de psicanálise* ao estudo da relação entre o mundo interior e exterior. Essas últimas preocupações “condensam admiravelmente o conjunto de uma obra e de uma vida” (Le Guen¹), e por si só falam da importância que a concepção de realidade desempenhou na teorização freudiana. A oposição entre ‘realidade interior’ e ‘realidade exterior’, que atravessa toda a obra freudiana, é uma maneira sintética de falar do processo defensivo, dos mecanismos de defesa e da noção fundamental de conflito – o que já é o suficiente para apontar o lugar central dessas questões em sua obra.

Em sua tese de doutorado, intitulada *A força da realidade na clínica freudiana*, Nelson Coelho Jr. estava também submetido a esta exigência incessante de determinar os limites, as inter-relações e as coexistências possíveis entre a realidade psíquica e a realidade exterior.

Nelson Coelho parecia, de início, motivado por uma questão fundamentalmente clínica, a partir da qual foi sendo reenviado a questões teóricas básicas, do interesse de qualquer psicanalista. Pensando em sua prática clínica, era às vezes levado a cogitar se não estaria se afastando da escuta propriamente analítica. Isto acontecia quando se sentia chamado a prestar atenção às irrupções do mundo exterior real no *setting*, ao mesmo tempo em que uma voz interiorizada a partir de leituras e supervisões recomendava-lhe privilegiar o conflito psíquico do paciente, interditando o interesse por aquilo que vinha do mundo exterior. Estas situações suscitaram dúvidas acerca do ato de psicanalisar e sobre a maneira pela qual o próprio Freud teria resolvido esses impasses, atraindo-o para aquilo que considero o “complexo nuclear da psicanálise” (Le Guen): o conflito entre ego e realidade, seja a realidade psíquica ou a ‘realidade exterior’, social, histórica – por mais imprecisos que soem tais termos.

Embora a citação de Freud usada como epígrafe da tese² introduza o termo realidade como equivalente a ‘mundo exterior’, o autor deixa claro não desconhecer as ambigüidades da noção de realidade, suas múltiplas interpretações e significações possíveis dentro da obra de Freud e, naturalmente, fora dela, na filosofia inteira. Inicia a discussão no mesmo ponto onde Freud iniciou, isto é, a partir de uma noção de realidade extraída do senso comum e expondo a exigência prática desta noção, imposta pelo cotidiano de sua clínica:

Fui ensinado a pensar a realidade sempre como sendo pano de fundo de uma experiência clínica que tem seu foco no conflito psíquico do paciente, nas suas diversas formas de expressão. Mas em muitas situa-

*Psicanalista, mestre e doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

ções, em função das mais diversas circunstâncias, tenho me deparado com uma realidade que toma corpo e que saindo do fundo, torna-se figura, para usar a expressão dos gestaltistas (p. 11-12).

Se o seu ponto de partida é uma noção de realidade extraída do senso comum, seu objetivo foi o de pesquisar os desdobramentos da questão dentro da psicanálise, pensando a realidade como codificação ideológica e histórica e não submetendo-a a um estudo crítico e filosófico. Define assim os objetivos de seu trabalho:

Tenho como perspectiva um objetivo amplo, que é estabelecer o sentido que a noção e a presença da realidade possuem no trabalho clínico, mais particularmente em uma clínica que tem suas origens nas propostas de Freud. Este estudo se inicia com um levantamento detalhado das diferentes utilizações da noção de realidade na obra de Freud. Em um segundo capítulo, procuro caracterizar a tematização e o uso da realidade em dois casos clínicos de Freud, o caso Dora e o caso do Homem dos Ratos. Um último capítulo é dedicado ao estudo de situações de meu trabalho clínico, buscando assim a articulação necessária entre a teoria e a prática (p. 14).

As questões levantadas, tais como “a clínica nos ensina (ao analista e ao paciente) alguma coisa sobre a realidade?”, ou “a que realidade dirigimos nossa escuta?”, ou ainda, “a partir de que concepção de realidade construímos nossas falas, interpretações ou pontuações?” deixam entrever interrogações sobre a prática analítica e o desejo de esclarecer o âmago deste fazer.

Nelson Coelho Jr. especifica ainda mais a sua direção: “O que me proponho é contribuir para que a multiplicidade (de noções de realidade) não se limite a um caráter de diversidade incomunicável; pretendo estabelecer eixos que permitam uma descrição rigorosa do que vem a ser a realidade na prática clínica” (p. 16).

Se há psicanalistas que abordam elementos de realidade reduzindo-os a atuações ou interpretando-os transferencialmente como desvios, parece-me que Nelson Coelho Jr. contrapõe-se a esta tendência reducionista e simplificadora. Supondo, então, que alguns de seus interlocutores imaginários sejam os que aconselham escutar apenas o conflito psíquico do paciente, creio que as questões de Nelson Coelho Jr. têm como objetivo retomar as premissas da discussão, e antes de chegar a uma resposta, recolocar os termos do problema exclusivamente a partir da obra de Freud – ponto de origem dessas controvérsias.

O primeiro capítulo, dedicado a rastrear o conceito de realidade na obra freudiana, apresenta os quatro eixos de análise em que esta questão pode ser trabalhada. No primeiro eixo, ‘Signo de realidade ou possibilidade de uma representação verdadeira da realidade’, a velha questão filosófica da possibilidade de conhecimento da realidade é retomada pelo autor a partir de Freud, desde os mais antigos textos do ‘Projeto para neurólogos’. No segundo eixo, ‘Fuga da realidade e fuga para a realidade’, são estudados fenômenos como a alucinação e o delírio para exemplificar a dificuldade de lidar com experiências de frustração em neuróticos e psicóticos. São mencionadas a ‘fuga, recusa, perda, negação ou abandono da realidade’ como mecanismos de defesa diante da insuportabilidade da realidade e as idéias freudianas que diferenciam a neurose (em que o ego, por meio de uma aliança da fantasia com o mundo real, confere sentido simbólico a este último), da psicose, na qual a realidade é inteiramente substituída pelo mundo

da fantasia. No terceiro eixo, 'Ativo diante da realidade e passivo diante da realidade', Nelson Coelho Jr. discorre sobre os textos em que Freud fala da atividade artística e do humor como rebeldia às coerções da realidade e como tentativas de conciliar os princípios de prazer e realidade. Comparando diversos mecanismos sublimatórios com o recalque (tido como favorecedor da adaptação à realidade), recorda que Freud alude a uma função mais elevada do ego, capaz de abrir um espaço de decisão entre o quanto controlar do mundo das paixões e o quanto se submeter ao mundo exterior. Fica implícito que os diversos mecanismos de defesa estão mais próximos do 'pólo passivo diante da realidade', enquanto a sublimação encontra-se mais próxima do 'pólo ativo', pois é capaz de transformá-la. No quarto eixo 'Realidade externa e a realidade psíquica, Nelson Coelho Jr. mostra que, desde o início de sua obra, Freud propõe estabelecer uma distinção entre excitações internas e externas. O mundo interno, da realidade psíquica, da fantasia e do desejo, seria diferenciado da realidade exterior e objetiva por meio de signos de qualidade, 'destinados a servir na distinção entre os investimentos-percepção real-objetivos e os investimentos-desejo'. Percorrendo desde os textos iniciais como o 'Projeto para neurólogos', até os derradeiros como 'Análise terminável e interminável', Coelho Jr. faz uma compilação bastante ampla dos pontos da obra freudiana em que emergiram questões ligadas à realidade psíquica e externa.

Nos capítulos dedicados aos casos clínicos, o autor faz um levantamento abrangente das informações sobre a vida de Dora e do Homem dos Ratos a que Freud tinha acesso; e reflete sobre a maneira pela qual ele "se serve clinicamente do conhecimento da realidade histórica, dos eventos da história de vida dos pacientes"; estuda também de que modo esses conhecimentos vão sendo tecidos na trama transferencial. Neste ponto, um dos aspectos mais interessantes foi o trabalho de desconstrução de algumas interpretações do analista Freud, expondo as associações e os elementos de história de vida do paciente que estavam agindo na construção das interpretações. Embora já o saibamos, é interessante ver isto tornar-se tão evidente no trabalho analítico de Freud: um analista só pode trabalhar a partir do que tem, suas associações; isto ajuda também a desmistificar uma pretensão à neutralidade do analista, correlata à negação de que o analista como pessoa encontra-se implicado no processo de analisar.

No terceiro capítulo, Nelson Coelho expõe dois de seus casos em um impecável estilo de narrativa clínica, o que torna muito agradável a leitura. Intercalando aspectos do caso com suas associações e referências a textos de Piera Aulagnier, Monique Schneider, Renato Mezan, Merleau-Ponty, Winnicott, Maurice Dayan e Pierre Fédida, ele nos dá uma excelente demonstração do que chama de 'trabalho de escuta reflexiva', aberta ao desconhecido e que se aproxima muito do trabalho de teorização flutuante proposto por Aulagnier.

Toda esta reflexão, por intermédio dos escritos e casos freudianos e de sua própria clínica, levou o autor à necessidade de propor um novo conceito, o de 'realidade clínica', em busca de ultrapassar a oposição entre realidade psíquica e exterior. A idéia de que na realidade clínica há um entrecruzamento de múltiplas realidades leva-o a considerar as noções de realidade psíquica e exterior como insuficientes para dar conta da situação terapêutica. Ele acredita que "... uma teoria específica sobre as formas de se lidar com os diferentes planos de presença da realidade no contexto clínico ainda está para ser desenvolvida". Mais adiante, na conclusão do trabalho, encontramos outras referências ao conceito de realidade clínica; neste momento propõe níveis ou planos de realidade simultaneamente presentes no *setting* analítico:

A Realidade Clínica é uma e muitas ao mesmo tempo. É psíquica e externa ao mesmo tempo. É a simultaneidade de percepções, afetos e pensamentos. É simultaneidade. Passado, presente e futuro ressitua-se em um contexto criativo onde as rígidas fronteiras dão lugar à possibilidade de circulação, à possibilidade do movimento (p. 201-202).

O convite a desenvolver uma teoria específica sobre a 'realidade clínica' pode, talvez, ser tomada como uma 'advertência reguladora' e, na verdade, esta foi a única maneira pela qual se tornou compreensível para mim. Como toda teoria psicanalítica tem seu solo de origem na 'realidade clínica', ela não deve ser isolada de suas condições de surgimento, pois corre o risco de perder toda validade; ela não pode pretender descrever de modo realista ou naturalista o que se passa no psiquismo. Neste sentido, concordo que é preciso sempre lembrar que a realidade clínica foi e continuará sendo o ambiente por excelência de surgimento e renovação de toda teoria psicanalítica válida e, por isso mesmo, o seu tema privilegiado. Para além da colocação desses limites, não vejo necessidade de insistir na criação de um conceito como este (de realidade clínica), a não ser que esta insistência esteja apontando para alguma outra necessidade, como a de ultrapassar a simples oposição 'realidade psíquica-realidade exterior'. Porém, o próprio percurso da tese, sintetizando o pensamento de Freud, faz transparecer a presença de uma dialética fecunda entre os pólos realidade exterior/psíquica; se o que Nelson Coelho Jr. procura é alguma forma de superação dessa dicotomia, ela já está presente na obra de Freud, mais ou menos aparente, e pedindo para continuar a ser trabalhada.

Lendo este trabalho, creio ouvir a todo momento que em toda fantasia há sempre um nódulo irreduzível de realidade exterior e de realidade pulsional. Também no que se refere à realidade exterior, transparece a compreensão de que é sempre construída, e que nesta construção há participação inevitável da fantasia. As linhas de força do desejo, atravessando uma história de vida, vão exercendo limitações às infinitas possibilidades de construção do mundo exterior. Também a fantasia, sem as linhas de constrangimento que a realidade exterior lhe impõe, seria arbitrária, sem relevo, irrelevante, impossibilitada de encontrar um sentido. Trata-se portanto de um duplo sistema de constrangimento, de determinação, de negação, presente em todos esses textos de Freud.

Creio ser esta a contribuição maior da psicanálise à antiquíssima discussão da filosofia com relação à realidade: a de pensar a realidade como *princípio de negação*, tirando dela seu caráter positivo, de coisa. Como princípio de negação à possibilidade do prazer, Freud criou o princípio de realidade. Mas o mais decisivo para compreender a noção de realidade em psicanálise é tomá-la como condição de possibilidade de todo 'dizer não', como um princípio genérico de negatividade, de toda futura atividade simbólica, de toda futura constituição do desejo e de toda futura possibilidade de transformação psíquica.

Creio que Nelson Coelho Jr. realiza o que promete no início de sua tese: estudar as noções de realidade presentes na obra de Freud, limitando-se a seus escritos. Fica, para mim, o desejo de ver essas questões inseridas em um debate histórico em que tenham sido problematizadas; como, por exemplo, a briga de Freud e Jung, que permite retomar a questão da participação dos eventos reais na constituição da fantasia. Não acho possível abordar toda a história da psicanálise em uma única tese, mas o próprio Nelson Coelho Jr. reconhece que os debates anteriores em torno de uma questão estão invisivelmente modelando a discussão atual.

Desejaria também que um dos capítulos fosse dedicado a mostrar alguns caminhos pelos quais, filosoficamente, o problema da realidade e o problema epistemológico podem ser desconstruídos. O objetivo não seria o de fazer uma segunda tese, mas o de apenas indicar um dos possíveis meios de desconstrução do problema como, por exemplo, o trajeto empreendido por Heidegger no parágrafo 43 de *Ser e tempo*. Ao mostrar, ainda que brevemente, a possibilidade de desconstrução da noção de realidade, é possível argumentar a favor das vantagens que a psicanálise obteve ao não ter dissolvido este problema. É possível demonstrar que o sofrimento psíquico cotidiano, este com o qual nos defrontamos na própria vida e na dos pacientes, é sempre um trauma que teve origem na realidade social, no mundo de relações com os outros; é preciso, pois, entender como uma 'realidade' o tecido social no qual foram engendrados os traumas de perda de amor e entendê-la não como uma coisa ou um ambiente, mas como um princípio frustrador e traumatizante, que assinala a presença de um conflito em constante mutação. Até mesmo para ultrapassar certos impasses traumáticos, para oferecer ao conflito um caminho de passagem, de circulação ou renovação é preciso superar certas estratégias defensivas que procuram anular este conflito (como a recusa, a dissociação e os mecanismos psicóticos mais maciços de rejeição da realidade).

Penso que esta foi a maior contribuição da psicanálise e de Freud à questão da realidade: o trabalho paciente, de uma vida inteira que se dedicou a observar como as pessoas aceitam ou recusam, distorcem ou desconhecem a realidade, por meio de quais mecanismos elas o fazem, como adoecem em consequência de seu modo singular de fugir ao conflito e como podem ser reconduzidas a viver e elaborar o conflito e a dor. Estudar, pois, os diversos mecanismos de defesa comparando-os entre si, tentando extrair o que eles significam em termos de possíveis modos de constituir 'realidades' e tentando compreender as implicações disto para a qualidade de vida, é a melhor maneira de fazer trabalhar a preciosa contribuição da psicanálise.

A força da realidade na clínica freudiana testemunha que a psicanálise nunca se propôs a mergulhar nos meandros do psiquismo como uma "coisa em si", mas que se debruçou sobre o significado da relação entre o 'mundo interno' e o 'outro'; assim, convida a trabalhar mais profundamente a inter-relação entre dentro e fora, e abre também a uma meditação sobre as relações entre passado, presente e futuro. A tese poderia ter enfatizado mais a contribuição da psicanálise para 'desrealizar' a própria noção de realidade, convertendo-a em um princípio de negatividade e aprofundando o caminho aberto por André Green, com o "trabalho do negativo". Seu maior mérito é levar diretamente ao centro da problemática suscitada pela obra freudiana e ao desejo de prosseguir investigando esta esquiva e flutuante idéia de 'realidade'.

Notas e referências bibliográficas

1. LE GUEN, Le refoulement (Les défenses), *Revue Française de Psychanalyse*, 50: 23-370, 1986.
2. "Aguarda-nos agora a tarefa de investigar o desenvolvimento da relação dos neuróticos e dos seres humanos em geral com a realidade e assim trazer para a estrutura de nossas teorias o significado psicológico do mundo exterior real."